



Arte e teoria no capitalismo muito tardio: entre a mediação e o imediatismo

KORNBLUH, Anna. *Immediacy, or, the Style of Too Late Capitalism*. Londres e Nova York: Verso, 2023.

Resenha

Seção Livre

Antonio Barros de Brito Junior*

ORCID: 0000-0002-0251-2945

E-mail:
antbarros@gmail.com

Recebido: 02/11/2024
Aprovado: 12/03/2025

O livro de Anna Kornbluh, *Immediacy, or, the Style of Too Late Capitalism*, lançado pela editora Verso em 2023, dividiu os acadêmicos estadunidenses entre aqueles que prezaram a crítica materialista à mercantilização da cultura e aqueles outros que consideraram a publicação um ataque às formas não convencionais de produção teórica e artística. No livro, a autora pretende esquadrihar a produção cultural contemporânea com o intuito de evidenciar a presença de um estilo que se coaduna com as formas de circulação da mercadoria no contexto do capitalismo hiperfinanceirizado e plataformizado das últimas décadas. Na verdade, Kornbluh usa o célebre livro de Fredric Jameson (2002) como modelo para suas ideias, o que se nota na organização e na divisão dos capítulos, na presença das bases teóricas materialistas herdadas da Teoria Crítica e sobretudo no título, que estabelece um nítido paralelo com a obra de seu mestre. Porém, se em Jameson (2002) temos um estudo pormenorizado do que constitui não apenas a “lógica do capitalismo tardio”, senão também do modo pelo qual o pós-modernismo deriva das transformações do capitalismo no momento de triunfo do neoliberalismo sobre o bloco soviético, em Kornbluh (2023), por sua vez, temos uma análise bem menos profícua do que constitui, em suas palavras, o “estilo do capitalismo muito tardio”. Pela falta do mesmo rigor analítico demonstrado por Jameson, muitas vezes as colocações da autora assemelham-se a um conjunto de “hot takes” que prejudica o aprofundamento dos argumentos e dissolve a ideia principal em um olhar menos objetivo.

Isso não quer dizer que o livro não possui méritos. Se o consideramos mais como um ensaio, cuja aspiração é, antes de tudo, estabelecer o marco referencial do capitalismo muito tardio (*too late capitalism*), então podemos apreciar melhor a reflexão de Kornbluh. Aliás, é justamente na questão do enquadramento temporal que o livro parece mostrar seus pontos mais fortes. Segundo a autora, até o contexto do pós-modernismo a cultura e

* Mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Associado do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: antbarros@gmail.com. ORCID: orcid.org/0000-0002-0251-2945.

e a produção artística estiveram pautadas pela mediação (*mediacy*): críticos literários, a universidade, as escolas, a imprensa etc. encarregavam-se de extrair o valor cultural e transmiti-lo dentro da esfera pública ainda não totalmente saturada pelas tecnologias de informação, que promoveram uma implosão das condições de sociabilidade escoradas nos sistemas de trabalho e coletividade formados pelo capitalismo industrial e pelo liberalismo econômico. Assim, a mediação, como uma abstração da experiência imanente dos sujeitos em um sistema simbólico de referências comuns, exerceu um papel importante inclusive na organização social e na luta política. Para Kornbluh (2023, p. 5, destaques da autora, tradução minha), “[n]a eminente tradição da teoria estética, a ‘mediação’ significa o *processo ativo de fazer relação* [...] disponibilizando em linguagem e imagem e ritmo as abstrações supervalentes de outro modo indisponíveis à nossa percepção sensível”.¹ Atualmente, porém, o advento das Big Techs, bem como a crescente conglomeração das corporações de mídia e das editoras e a progressiva passagem da economia de produção para uma economia de serviços que prioriza a circulação de mercadorias como forma de extração de valor, descaracterizou o tradicional modo de produção e recepção da obra de arte, assumindo um caráter supostamente mais imanentista ou imediatista. Nesse sentido, a aposta da autora é a de que

[...] o imediatismo, de forma abrangente, unifica a cultura contemporânea, e o seu substrato capitalista ganha contornos definidos. Ainda é o capitalismo mesmo após todos esses anos. Só que agora as dinâmicas econômicas dos anos 1970, que foram registradas pela primeira vez no pós-modernismo, foram agravadas pelas da virada do milênio [...], e elas se ajustaram de um modo diferente à estética cultural de hoje.² (Kornbluh, 2023, p. 13, tradução minha).

O imediatismo (*immediacy*), portanto, refere-se a um conjunto de práticas enraizadas no capitalismo contemporâneo, que vê no fluxo intenso e potencialmente infinito de mercadorias, dados e informações a possibilidade de aceleração e desestagnação de um sistema econômico pressionado pelas mudanças estruturais e pela degradação climática que ele mesmo provoca: “[c]irculação fluida, suave, rápida, seja de petróleo ou da informação, abastece a extremização do eterno pretexto sistemático do capitalismo contemporâneo: as coisas são produzidas com o propósito de serem trocadas” (Kornbluh, 2023, p. 25, tradução minha).³ Essas práticas, por sua vez, impulsionam, segundo Kornbluh, uma série de comportamentos no âmbito cultural. Assim, por exemplo, a circulação de mercadorias, perfeitamente configurada, por exemplo, nas plataformas de transporte de passageiros ou de entregas, encontra seu correspondente nas formas contemporâneas de subjetivação nas redes sociais. Ou seja, “[o] imediatismo deriva dos desenvolvimentos em hardware e software que alteram a paisagem da representação”,⁴

¹ “[i]n the eminent tradition of aesthetic theory, ‘mediation’ means the *active process of relating* [...] making available in language and image and rhythm the supervalent abstractions otherwise unavailable to our sensuous perception”.

² “[...] immediacy comprehensively unifies contemporary culture, and that its capitalist substrate takes definite form. It’s still capitalism after all these years. Only now, the economic dynamics of the 1970s that were first registered in postmodernism have been compounded by those of the turn of the millenium [...], and they modulate themselves in today’s cultural aesthetics differently.”

³ “[f]luid, smooth, fast circulation, whether of oil or information, fuels contemporary capitalism’s extremization of its eternal systematic pretext: things are produced for the purpose of being exchanged”.

⁴ “[i]mmediatism issues from developments in hardware and software that alter the landscape of representation”.

de modo que essas tecnologias “[...] facilitam a circulação de imagens para e pelas massas [...], e a funcionalidade da hospedagem de imagem da tecnologia se mistura com a vocação dos usuários de gerar imagens” (Kornbluh, 2023, p. 36, tradução minha).⁵ Nesse contexto, ainda segundo a autora, as antigas funções desempenhadas pelas instituições mediadoras são substituídas pela onipresença da tecnologia, que transforma praticamente toda a experiência com as imagens e com a linguagem em uma vivência íntima e pessoal com o mundo. O imediatismo da vida torna-se, então, o padrão comportamental, achatando a dimensão crítica: dar likes, compartilhar, arrastar incessantemente a tela em busca do próximo conteúdo etc., tudo isso configura um tipo de práxis sem mediação que gera um vínculo instantâneo entre o sujeito e a imagem, entre o sujeito e o texto, de modo que o valor estético extraído desse contato passa pelos afetos tirados da experiência. Como consequência, adverte Kornbluh (2023, p. 59, tradução minha), a perda da mediação provoca “[c]eticismo em relação à realidade, performance quântica, suspeita para com os especialistas, pós-fato: redemoinhos cortando normas coletivas e oferecendo verdade personalizada”,⁶ o que nos lança num ambiente de desinformação e de narcisismo exacerbado que corrói ainda mais as possibilidades de relação social com base na linguagem comum e na convergência de perspectivas sobre a realidade social. Kornbluh (2023, p. 16-17), inclusive, observa que há relação entre esse padrão de comportamento e a sexta extinção em massa – algo que, a meu ver, escapa a muitos teóricos contemporâneos, dos quais uma notável exceção é Jonathan Crary (2022).

Há, no entanto, algumas objeções a se fazer a respeito de como Kornbluh pensa a transição da mediação para o imediatismo. A principal é que ela carrega nas tintas e caracteriza a experiência estética do imediatismo como algo exageradamente narcisista – desdenhando de um vocabulário crítico que remete à filosofia imanentista de Deleuze e Guattari (1980), ao mesmo tempo que sardonicamente atribui tudo à influência de Bruno Latour (1994). Em todo caso, é fato que a nossa cultura atualmente exagera a presença do indivíduo e de sua corporeidade ou de sua ecceidade na produção e na interpretação dos artefatos artísticos. Aliás, concordando novamente com a autora, é possível vislumbrar, inclusive, a emergência de novas formas estéticas derivadas das tecnologias disponíveis e do tipo de experiência agregada a elas. É o caso das produções em vídeo, que são tratadas em um capítulo específico no livro de Kornbluh (“*Video*”). O vídeo como forma de arte – decorrente, por sua vez, da onipresença do telefone celular com câmera – já assume a função de representação do *self* e da realidade social, desbancando os meios tradicionais como a reportagem e o filme. Não narrativos por definição, carentes de intriga (*plot*), saturados da representação do imanente que se nota particularmente na estética dos quase onipresentes *reality shows*, o vídeo recusa qualquer forma de mediação

⁵ “[...] facilitate the circulation of images for and by the masses [...], and the image-hosting functionality of the technology melds with the image-generating vocation of the users”.

⁶ “[s]kepticism toward reality, quantum performance, suspicion of experts, post-fact: swirls cutting off collective norms and serving up personalized truth”.

para se tornar a exibição da própria “autenticidade”. O que há de mais imediato no vídeo é justamente que a mídia desbanca o meio (*medium*), de modo que produtores e consumidores, indistintamente, conectam-se em uma malha multidimensional de pontos que em algum nível suplementa a vida prática e desfaz as fronteiras entre público e privado. Esse mosaico, em vez de uma concepção abstrata e sintética da experiência comum, nos dá uma visão fragmentada e desestruturada das interações coletivas e das forças sociais subjacentes, sugere Kornbluh (2023). Numa progressão que vai da *selfie* – “[s]elfies, do modo como as Kardashians fazem, são completas em si mesmas, olhar profundo, corporalidade lasciva sem contexto, imediatismo sob demanda” (Kornbluh, 2023, p. 194, tradução minha)⁷ – ao *streaming* – “[é] essa mesma enxurrada – a multidão, a velocidade e a imanência da circulação – que no fim das contas define o *stream*” (Kornbluh, 2023, p. 123, tradução minha)⁸ –, o vídeo exemplifica o que é o imediatismo por excelência. A velocidade, elemento crucial na circulação de mercadorias promovida pelo capitalismo atual, tanto na produção, quanto no consumo, prejudica a criatividade artística, favorecendo o rápido movimento do artefato artístico como objeto de puro consumo. Ocorre, então, que o sistema de *streaming* potencializa, no âmbito audiovisual, algo que Mark McGurl (2021) e Dan Synikin (2023) observam a respeito da produção e da circulação de literatura: nota-se uma mediocrização artística que tem como principal causa o imperativo do lucro.

Através de processos algorítmicos, o modo como consumimos TV, assim como o conteúdo daquilo que escolhemos, se orienta para um individualismo e imediatismo em que podemos instantaneamente convocar uma “experiência de visualização” que é altamente customizada para nosso perfil; nadamos em uma correnteza de merda da nossa própria analítica excrementícia, tendo a TV como um espaço seguro.⁹ (Kornbluh, 2023, p. 127, tradução minha)

Apesar do tom ácido dos comentários acima, as ideias de Kornbluh sobre a conexão entre as práticas audiovisuais e o capitalismo muito tardio são convincentes. Porém, quando ela trata da literatura e da teoria, seus achados ganham em controvérsia. No capítulo inteiramente dedicado à escrita literária (“*Writing*”), a autora tipifica o estilo dos escritores contemporâneos a partir de sua vinculação com o capitalismo muito tardio. Kornbluh tenta mostrar que as diferentes marcas da produção literária atual correspondem a (sem necessariamente problematizarem) certos tipos de comportamentos sociais e individualistas que encontramos na sociedade de consumo impulsionada pelas transformações tecnológicas e pela aceleração do capitalismo. Com isso, ela enxerga um nexos causal entre a escrita autoficcional (e seus equivalentes: preponderância do foco narrativo em primeira pessoa e proliferação de realismos, de memorialismos, da prosa poética e de temas abjetos) e a adoção de uma perspectiva imanentista ou imediatista da

⁷ “[s]elfies, as Kardashians makes them, are wholes unto themselves, deep gaze, lush corporeality without background, on-demand immediacy”.

⁸ “[i]t’s this deluge itself – the crush, speed, and immanence of circulation – that ultimately defines the stream”.

⁹ “Through algorithmic processes, the manner in which we consume TV as well as the content of what we choose is tilted toward an individualism and immediatism where we can instantly summon a ‘viewing experience’ that is highly customized to our profile; we swim in a shitstream of our own excretive analytics, TV as a safe space”.

vida, que exsuda do imperativo capitalista da autoexposição como negócio. Para Kornbluh (2023, p. 68, tradução minha), as obras de autoficção, “[e]m vez de construir o personagem, apresentam um protagonista que é o próprio autor em nome e circunstância e amigos reais e família real e, sobretudo, voz real”.¹⁰ De acordo com isso, o “real” emana de um tipo de anulação da distância estética, através da qual o elemento propriamente fictício, responsável pela síntese e pela mediação entre o fato social e a posição relativa do autor no campo simbólico e no campo político, dá lugar a um “efeito de real” (Barthes, 2004) ainda mais dogmático, uma vez que a realidade, sem a marca da ficcionalidade, supostamente perpassa o meio (*medium*) literário sem qualquer transformação, abstração ou síntese. Alcança-se, assim, uma perspectiva única – a pessoal (e absolutamente singular) do autor –, o que contribui para inflar o discurso segundo o qual não há enquadramentos universais válidos, mas tão-somente saberes locais e relativos às experiências singulares e privadas dos sujeitos. Logo, a literatura resume-se, a julgar por Kornbluh (2023), a um conjunto fragmentado de pontos de vista concorrentes, sem preocupação com os processos materiais que produzem essas subjetivações, na desconfiança de que a ficção engendre uma desconexão com a facticidade do mundo. Entretanto, a exemplo do que Synikin (2023, p. 103) advoga, é fascinante perceber que uma parte significativa da literatura do *mainstream*, depois da conglomeração e da intrusão da mentalidade financeirista no comércio de literatura a partir da década de 1980, trilhou o caminho da autoficção como forma de dar ao trabalho do escritor algum tipo de relevância frente aos gêneros literários secundários, cada vez mais penetrantes no mercado literário. Para Kornbluh (2023), porém, esse aspecto não suplanta o fato de que a autoficção é, segundo a autora, cooptada pela imediação:

O achatamento desenfreado da mediação na cultura do século XXI encontra sua racionalização mais explícita no ardor da autoficção, em uma trajetória que se assemelha menos à apropriação do que à hegemonização da intransitividade lúcida. Se a autoficção nos dá a impressão de ser excepcional, isso certamente se dá porque ela funciona como a autojustificada ala conspícua da preocupação sem precedentes da produção de literatura contemporânea com o “auto”, ao longo de uma variedade de gêneros de um único proprietário, resultante da reestruturação industrial da publicação, do jornalismo e do trabalho acadêmico.¹¹ (Kornbluh, 2023, p. 72, tradução minha)

A ideia de “hegemonização da intransitividade lúcida” parece destacar muito mais a capitulação dos escritores à imediação, do que, como sugere Synikin (2023), um retorno ao tipo de agência que sempre alicerçou o trabalho do escritor. No entender de Kornbluh, a autoficção não estaria imune à presunção de imediaticidade que se encontra, por exemplo, nas obras audiovisuais. Na medida em que ela também se prende ao específico, ao singular, ao imanente, transmitindo para as páginas literárias a sensação de uma

¹⁰ “[r]ather than building character, they advance a protagonist who is the same as the author in name and circumstance and real friends and real family and, above all, real voice”.

¹¹ “The rampant crushing of mediation in twenty-first-century culture finds its most explicit rationalization in autofiction’s ardor, in a trajectory that less resembles appropriation than the hegemonization of lucidity intransitivity. If autofiction strikes us as exceptional, this is surely because it functions as the conspicuous self-justifying wing of contemporary literary production’s unprecedented preoccupation with the “auto”, across a variety of sole-proprietor genres ensuing from the industrial restructuring of publishing, journalism, and academic labor.”

vivência sem intermediação, numa espécie de comunicação direta entre a realidade do escritor (sem os filtros da “invenção” ficcional) e a sensibilidade do leitor, a autoficção reforça a presença através do estilo – “[...] voz, corpo e identidade” (Kornbluh, 2023, p. 73, tradução minha).¹² Obras como as de Rachel Cusk e Karl Ove Knausgaard são arroladas pela autora como exemplos disso, devido respectivamente ao seu “[...] realismo autossecretado” (Kornbluh, 2023, p. 70, tradução minha)¹³ ou ao seu repúdio à representação, “[...] dismantling a narration, the character, the plot and the smoke of myth in favor of simply manifesting viscerally affecting stuff” (Kornbluh, 2023, p. 7, tradução minha).¹⁴

Porém, quer me parecer que essa posição apenas se sustenta por força de uma construção teórica que mal esconde seu *parti pris*. Kornbluh parece, aqui, tirar conclusões de sua própria premissa: se é fato que o capitalismo muito tardio envolve um recrudescimento da subjetividade – em razão do consenso neoliberal e da promoção das peculiaridades do sujeito como seu único capital no mercado de trabalho cognitivo, saturado pela lógica da recompensa e da gameificação –, então o estilo literário da autoficção introduz essa mesma lógica no âmbito estético. Contudo, embora esses autores, com suas impressões e sensações fugazes de uma realidade intangível ao leitor, situem-se no centro da narrativa, é através da mediação da linguagem estética (a linguagem como *medium*) que essa porção de realidade se torna, para todos os efeitos, literária – e, por isso, transitiva. A intransitividade que preocupa Kornbluh (2023) – os leitores “usando” os textos de autoficção apenas para uma mera experiência de exposição aos sentidos por meio das palavras –, aparece na autoficção como uma consequência óbvia do capitalismo neoliberal, e não como um de seus trunfos. O escritor hoje em dia recusa a ficção porque os leitores, saturados de desinformação e falsas narrativas, almejam uma experiência estética da realidade que dê visibilidade à violência e à desigualdade mediante as quais o capitalismo se transita no plano social. A redução da relevância do escritor, que acompanha o rearranjo sistêmico das profissões no contexto do capitalismo informatizado – bem como do sistema educacional e da desinstitucionalização dos lugares de saber –, estimula os autores a se refugiarem na autoficção como forma de dar consistência ao mundo que, produzido pelo capitalismo muito tardio, oculta-se dos espaços concretos de visibilidade das novas mídias. A profusão de experiências pessoais e perspectivas íntimas sobre o mundo toma o lugar de uma visão sistêmica da realidade menos por uma suspeita contra a ficção – afinal, a autoficção ainda é, para todos os efeitos, ficcional – e mais por ser a forma transitiva por excelência da literatura contemporânea. Kornbluh parece, portanto, culpar os escritores por opções que, a meu ver, são menos eletivas do que parece. E, sem uma investigação mais profunda sobre como a autoficção contribui para o esfacelamento da mediação e, conseqüentemente, para a inflação da imediação, o trabalho

¹² “[...] voice, body, and self”.

¹³ “[...] self secreting realism”.

¹⁴ “[...] dismantling narration, character, plot, and the smoke of myth in favor of simply manifesting viscerally affecting stuff”.

de Kornbluh (2023) perde em densidade, mostrando-se, por isso, cada vez menos uma concepção estrutural e dialética do capitalismo recente e seu estilo artístico, e mais um conjunto de impressões que, juntas, não apresentam o rigor analítico necessário para elevar o seu trabalho ao nível do que Jameson (2002) realizou.

Isso se nota particularmente no capítulo dedicado à teoria (“*Antitheory*”), em que as colocações de Kornbluh (2023) mostram-se ainda menos cautelosas e mais beligerantes. A autora mira nas teorias emergentes, mas se concentra especialmente no que ela chama de “autoteoria” (“*autotheory*”):

[n]esses trabalhos lucrativos e venerados, os acadêmicos proferem expressões líricas da experiência pessoal e da contemplação impressionística, pontuadas por gracejos teóricos. [...] Plenitudes de personas carismáticas, receptividade corpórea e enxurrada de afetividade inventam uma repleção evanescente que se apropria da crítica.¹⁵ (Kornbluh, 2023, p. 160, tradução minha)

Kornbluh manifesta uma preocupação razoável comum ao campo teórico no atual cenário político, marcado pelo reconhecimento bifurcado, a algoritmização, a desinformação, as teorias conspiratórias e a cismogênese (Cesarino, 2022). Porém, se de fato o contexto favorece a explosão de vieses teóricos frequentemente mais interessados em particularismos de toda sorte – à reboque da aceleração das polêmicas e da convergência dos assuntos políticos na esfera virtual –, isso não configura, por outro lado, uma equivalência entre correntes teóricas tão distintas quanto a antropologia das ciências de Bruno Latour (1994), a Object-Oriented Ontology de Graham Harman (2015) e Timothy Morton (2013) e as novas abordagens teóricas que surgem da crítica aos pressupostos materialistas e à degradação ecológica promovida pelo capitalismo, das quais Anna L. Tsing (2015) e Dipesh Chakrabarty (2021) são ótimos exemplos. No livro de Kornbluh, essas teorias caem todas na vala comum da antiteoria, recolhendo os respingos da ideia de que,

[e]m vez da crítica e da interpretação teórica, a teoria do imediatismo propõe a interação fluida, o teórico embevecido pelo objeto, o objeto imerso no teórico. Renunciando às abstrações, esse empiricismo favorece inventários, a interação contra a mediação.¹⁶ (Kornbluh, 2023, p. 171, tradução minha).

Não é por acaso, então, que o exame de Kornbluh (2023) incidirá com mais ênfase nas abordagens teóricas que colocam a experiência do corpo e a subjetividade do(a) teórico(a) no centro irradiador do pensamento. Nesse ponto – que, a meu ver, é o mais polêmico do livro –, as concepções políticas do materialismo tradicional de Kornbluh conflitam com as abordagens esquizopolíticas ou afetivo-imanentistas que buscam uma alternativa ao fracasso político das esquerdas. Não me parece, contudo, que o terreno da teoria seja o mais indicado para dirimir as diferenças políticas que surgem, antes, no

¹⁵ “[i]n these lucrative and revered works, academics proffer lyrical expression of personal experience and impressionistic musing punctuated by theory quips. [...] Fullnesses of charismatic persona, corporeal receptivity, and affective flooding devise an evanescent plenum that preempts criticism”.

¹⁶ “[i]nstead of critique and theoretical interpretation, immediacy theory propounds fluid interaction, the theorist imbibing the object, the object immersing the theorist. Abjuring abstractions, this empiricism favors inventories, interaction against mediation”.

campo da práxis. Em todo caso, é relevante notar que para esse ponto convergem muitas das diferenças e até mesmo rusgas acadêmicas deflagradas nas últimas décadas. Ao que parece, a inquietação sobre como proceder (fincar pé na ortodoxia marxista e na crítica à indústria cultural ou abrir o flanco para as abordagens identitárias de cunho mais liberal) anima o livro de Kornbluh, o que produz essa dicotomia paralisante entre teoria e autoteoria. Kornbluh está decidida a buscar na mediação – forma prototípica do pensamento político mais ortodoxo no campo materialista – as chaves para a representação e a compreensão de um mundo em vertiginosa transformação, tentando resgatar (a meu ver, com sabedoria) algum grau de institucionalidade cultural e política que permita revigorar a passagem da práxis à teoria (ou seja, a passagem do imediato ao abstrato), especialmente num contexto de recrudescimento do fascismo e, no caso dos EUA, do trumpismo. Contudo, por força disso, ela precisa sustentar a dicotomia como se se tratasse de caminhos bifurcantes, o que nem sempre é o caso.

Ainda assim, Kornbluh (2023) toca sutilmente no que, a meu ver, é o ponto nevrálgico da discussão sobre a produção de teoria no capitalismo muito tardio. Trata-se da degradação do mercado de trabalho, especialmente no âmbito das universidades.

A gigificação do trabalho acadêmico aperta a produção acadêmica: manifeste sua visão pessoal em seu estilo pessoal com esse contrato de professor substituto aqui; esse assinante de Substack ali. Desse modo, a autoteoria deve ser vista como o efluxo de um contexto no qual os teóricos com condições de trabalho justas como estabilidade se deparam com a extrema falta de audiência dos pares, e teóricos sem condições de trabalho justas batalham por um apelo transversal a fim de ganhar a vida.¹⁷ (Kornbluh, 2023, p. 162, tradução minha)

Se não é certo que a multiplicação recente de vieses teóricos se deve à precarização dos trabalhos, é, por outro lado, muito seguro afirmar que a deterioração do mercado de trabalho acadêmico força os profissionais a buscarem refúgio em sistemas paralelos de subsistência, na medida em que aumentam a plataformização dos serviços e a “instagramação” de praticamente todos os componentes da cultura (incluída aí a atividade pedagógica). Some-se a isso o interesse da audiência por conteúdos mais “nichados” – como ocorre com a literatura na descrição de McGurl (2021) –, e temos um terreno fértil para a propagação de vertentes teóricas mais extravagantes. Na nova esfera pública, portanto, alguns acadêmicos estão em busca de um *hit*, através do qual possam impulsionar a sua carreira, dentro ou fora da universidade. De dentro da academia, por outro lado, os critérios de produtividade, que assolam os acadêmicos com seu “estalinismo de mercado”, para usar a arguta expressão de Mark Fisher (2020), pouco contribuem para a contenção desse produtivismo acadêmico estéril. Em vista disso, o trabalho, parece-me, está no centro da discussão, e a relativa timidez com que Kornbluh o enfrenta distancia o seu livro do verdadeiro foco. Quer dizer, o imediatismo é fruto de uma convergência de fatores que resulta no colapso entre o trabalho e o não-trabalho, em

¹⁷ “Gigification of academic labor crams academic production: manifest your individual take in your individual style with this short-term teaching contract here, this Substack subscriber there. In this way, autotheory must be seen as efflux of a context in which theorists with fair labor conditions like tenure encounter their dire lack of peer audience, and theorists without fair labor conditions hustle for crossover appeal to eke out a living.”

que até as postagens nas redes sociais configuram um recurso de onde as Big Techs extraem mais-valia por meio de seus algoritmos (Srnicek, 2018) e por meio da mediação do trabalho invisível (Jones, 2021). Nesse cenário, o imediatismo nos estudos da cultura ganha força menos por sua indisposição contra os princípios analíticos encontrados nas teorias da mediação, e mais por um senso de oportunidade. O que se nota, portanto, é que as condições efetivas para a mediação são obstadas desde a origem do trabalho acadêmico. A desinstitucionalização do trabalho, que lança os profissionais numa corrida por glória acadêmica e remuneração (nem sempre uma acompanha a outra), força a teoria a abandonar as práticas consagradas: em certo sentido, a era da mediação é também a era dos profissionais com dedicação exclusiva, com garantias trabalhistas, com planos de carreira, de modo que o trabalho acadêmico poderia vicejar sem grandes interferências do mercado. Hoje, a própria teoria se faz mais do que nunca no mercado, e a mercantilização do pensamento proporciona um tipo de relação de produção e consumo que acelera a teoria e a faz cair na irrelevância típica dos produtos descartáveis. Kornbluh (2023) está, portanto, lastimando o fato de que, supostamente, as teorias que promovem e respaldam o imediatismo pouco ou nada fazem para mudar esse status quo. A mediação, por outro lado, oferece “[...] possibilidades que pedem revezamento, descontinuidades coordenadas, longos percursos em vez de atalhos quando o esboço e até mesmo o artifício são mais adequados à matéria, processamento do pedido sem a garantia da entrega expressa” (Kornbluh, 2023, p. 196, tradução minha).¹⁸ Mas ambos, mediação e imediatismo, caem presas do sistema mercantil que o capitalismo muito tardio introduz no campo da teoria.

Portanto, a dicotomia que Kornbluh sustenta em seu livro, para além de refletir determinações epistemológicas e metodológicas distintas, com efeitos práticos diferentes nos âmbitos da universidade, da produção cultural e da política, baseia-se em supostas responsabilidades morais que são transformadas em requisitos para a crítica e a teoria. O seu livro, ao fim e ao cabo, não elabora o que parece ser a sua verdadeira reivindicação para a teoria, para a literatura, para a produção audiovisual e até mesmo para os comportamentos sociais: a solicitação de uma mudança de postura, que não passa necessariamente pela radicalização política, mas tão-somente para uma reativação das práticas teórico-artísticas do período anterior ao pós-modernismo, mas que de alguma forma se evada das consequências práticas do sistema de produção contemporâneo. Com isso, o livro, que se anuncia como um estudo do estilo do capitalismo muito tardio, contenta-se em exibi-lo, mas desobriga-se de entendê-lo, no fundo.

Referências

¹⁸ “[...] possibilities that require relay, discontinuities in coordination, long- rather than shorts-cuts when adumbration and even artifice better suit the matter, order processing without same-day-delivery guarantee”.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso*. Verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHAKRABARTY, Dipesh. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2021.

CRARY, Jonathan. *Scorched Earth*. Beyond the Digital Age to a Post-Capitalist World. Londres e Nova York: Verso, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Capitalisme et schizofrénie. Paris: Minuit, 1980.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução de Rodrigo Gonsalves et al. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

HARMAN, Graham. *Hacia el realismo especulativo*. Ensayos y conferencias. Tradução de Claudio Iglesias. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. A lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2002.

JONES, Phil. *Work Without the Worker*. Labour in the Age of Platform Capitalism. Londres e Nova York: Verso, 2021.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

McGURL, Mark. *Everything and Less*. The Novel in the Age of Amazon. Londres e Nova York: Verso, 2021.

MORTON, Timothy. *Hyperobjects*. Philosophy and Ecology after the End of the World. Mineápolis e Londres: University of Minnesota Press, 2013.

SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Tradução de Aldo Giacometti. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SYNIKIN, Dan. *Big Fiction*. How Conglomeration Changed The Publishing Industry and American Literature. Nova York: Columbia University Press, 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World*. On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2015.